

A DOR CRÔNICA SOB UMA PERSPECTIVA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

Bruna de Souza (PIBIC-CNPq-FA/UEM, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Carolina Laurenti (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: brunasouza1994@gmail.com

A dor é geralmente reconhecida como um alarme de que algo não está bem no organismo, sendo um sintoma ou expressão de uma alteração anatômica ou fisiológica. No entanto, existem dores que fogem a esse modelo explicativo, pois não apresentam uma correspondência orgânica, constituindo-se um desafio para a fisiologia, tanto na sua explicação quanto nas possibilidades de tratamentos. Essa configuração de dor dá ensejo para a formulação de diversas teses sobre a dor crônica, e a Psicologia é uma das ciências que também se debruça no estudo desse tema. Dentre as abordagens psicológicas, a Análise do Comportamento, embasada pela filosofia do Comportamentalismo Radical, analisa os fenômenos psicológicos por meio da investigação das situações antecedentes e consequentes das ações, proporcionando uma interpretação contextual de um dado comportamento. Considerando esses aspectos, o objetivo desta pesquisa foi delinear uma interpretação da dor crônica na Análise do Comportamento, situando-a entre diferentes teorias do assunto. Para tanto, esta pesquisa, de natureza teórica, analisou textos de B. F. Skinner e de comentadores relacionados à temática da dor. Esse material bibliográfico foi sistematizado por meio de resumos informativos, os quais envolveram o procedimento de análise conceitual-estrutural de texto. Com base na discussão skinneriana sobre o perceber, os resultados sugerem duas vertentes tradicionais de explicações da dor: a primeira preconiza que existem estímulos ambientais que a causam, sendo o homem passivo e receptor dessa estimulação desencadeante da percepção dolorosa. Já a segunda atribui ao sujeito e à sua experiência o início da percepção; assim, o indivíduo é autônomo no perceber, ou seja, sua percepção não depende de uma relação com o ambiente. A dor, nessa segunda acepção, tem como ponto de partida o sujeito com sua experiência idiossincrática e privada. A despeito de suas eventuais diferenças, essas teorias subscrevem a dicotomia entre experiência e realidade, demarcando um ponto inicial da dor, ora no ambiente, ora no sujeito. Todavia, tal modelo de explicação unidirecional é inconciliável com a perspectiva relacional do Comportamentalismo Radical. Para essa filosofia um estímulo não existe por si mesmo, mas apenas na relação com uma ação e suas consequências. Com efeito, o perceber depende de uma história de reforçamento. Seguindo esses princípios, em uma acepção analítico-comportamental, a pergunta “o que é a dor?” passa a ser substituída por “como esse comportamento foi construído?”. Enquanto a primeira questão interessa-se pelo produto, a segunda sonda o processo originário e mantenedor do perceber. Destarte, a dor pode ser considerada um comportamento operante, isto é, um conjunto de ações, com topografias distintas, mas que pode produzir consequências semelhantes. Nessa direção, a dor não é uma sensação expressa em ações públicas como chorar, reclamar, fazer “cara feia”; tais ações e os sentimentos que as acompanham são a própria dor. Com isso, amplia-se a compreensão da dor crônica, possibilitando tanto um olhar relacional do fenômeno quanto o delineamento de novas técnicas ou tratamentos psicoterápicos comportamentais.

Palavras-chave: Dor crônica. Análise do Comportamento. Psicologia.